

IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DA REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO EM SANTA CATARINA: FIM DA JORNADA 6X1

FIESC *Federação das
Indústrias do Estado
de Santa Catarina*

NÃO SE PODE COLOCAR A CARROÇA A FRENTE DOS BOIS!

Reduzir a jornada antes de elevar a produtividade é inverter a lógica do desenvolvimento. Em um país que enfrenta desindustrialização, baixa densidade industrial e produtividade estagnada há décadas, encurtar a semana de trabalho tende a ampliar perdas sobretudo onde se geram escala, inovação e competitividade: a indústria.

Nossa simulação de impactos de uma eventual redução da jornada semanal de 44 para 40 horas, mantendo salários, são claros:

- **Aumento imediato de 9,7% nos custos do trabalho, para manter o nível atual de produção;**
- **Impacto estimado de R\$ 19,7 bilhões nos custos de trabalho na economia brasileira, sendo R\$ 1,1 bilhão apenas em Santa Catarina;**
- **Elevação média de 2,64% nos preços na economia catarinense;**
- **Queda de aproximadamente 0,6% no PIB no curto prazo;**
- **Redução de 1,16% no PIB da indústria catarinense, com efeitos mais intensos em setores estratégicos como carnes, madeira, cerâmica, plásticos e vestuário;**
- **Perda de competitividade externa.**

Determinantes Estruturais da Produtividade e Intensidade do Trabalho

Posição Global do Brasil em Determinantes da Produtividade

Determinantes da Produtividade	Indicador	China	Coréia do Sul	Brasil
INOVAÇÃO	Gasto em P&D (% PIB)	2,6	5,2	1,1
	Posição global em inovação	4	5	49
	Patentes por milhão	1.010	3.598	22
	Índice de Complexidade Econômica	1,25	1,56	0,37
INFRAESTRUTURA	Índice de Performance Logística	3,7	3,8	3,2
	Qualidade de Rodovias	4,6	5,9	3
	Índice de Desempenho dos Portos	86	74,25	-54
	Qualidade do Transporte Ferroviário	4,5	5,9	2,5
AMBIENTE INSTITUCIONAL	Rule of Law	0,48	0,74	0,5
	Facilidade para fazer negócios	77,9	84	59,1
	Eficiência Governamental	0,67	1,4	-0,54
CAPITAL HUMANO	Anos médios de escolaridade	8	12,7	8,3
	Resultado no PISA (média)	535	523	397
	Índice de Capital Humano	0,65	0,8	0,55
ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	Taxa de investimento (% PIB)	42,3	31,2	16,4

Posição Global em Carga de Trabalho e Produtividade

Indicador de produtividade/desempenho	China	Coréia do Sul	Brasil
Média de horas semanais trabalhadas	44,65	37,29	39,1
PIB/Hora trabalhada	17,7	53,6	20

Fonte: Penn World Table,, World Economic Forum, WDI, WIPO, Harvard Growth Lab, World Bank Group, WJP, OCDE. ILO e Economia FIESC

Qual a lição dos países de industrialização recente?

Coreia do Sul e China são exemplos claros de países que **entenderam a sequência correta do desenvolvimento**: primeiro elevar a produtividade, depois reduzir a jornada de trabalho.

A Coreia do Sul acelerou sua ascensão tecnológica entre meados dos anos 1980 e meados dos anos 2000, investindo pesadamente em educação, inovação e indústria de alto valor agregado. O resultado é uma produtividade cerca de duas vezes e meia superior à brasileira, o que permite jornadas médias menores, ainda que a legislação autorize até 52 horas semanais.

A China iniciou esse movimento nos anos 2000 e o mantém até hoje. Sua produtividade cresceu de forma consistente, mas ainda se situa próxima à brasileira. Por isso, mantém jornadas médias mais elevadas: antes de distribuir lazer, consolidou expansão industrial, ganhos de eficiência e escala produtiva.

A lição é clara: redução sustentável da jornada é consequência de ganhos prévios de produtividade, não seu ponto de partida. Países que tentam inverter essa ordem correm o risco de comprometer competitividade, renda e crescimento.

Nota: Os dados referem-se ao período de 2019 a 2024, conforme a disponibilidade de cada indicador.
O dado referente ao Brasil corresponde à informação oficial, com base nas estimativas da PNAD Contínua 2024 . Dados da tabela referentes a 2025 e 2024.

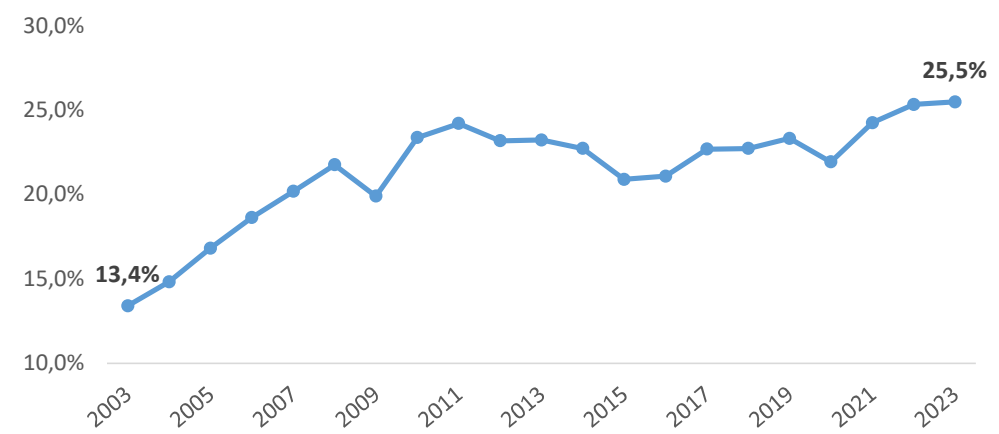
O risco de piorar um jogo que já estamos perdendo

A participação de importados no mercado brasileiro cresce há décadas e atingiu cerca de **25% em 2023**.

Grande parte desses produtos vem de economias comparáveis à brasileira, cuja jornada semanal é superior à nossa, o que acende um alerta: reduzir a carga de trabalho sem elevar a produtividade tende a resultar em menor produção e/ou preços mais altos, ampliando a perda de competitividade.

Já os países que exportam ao Brasil com jornadas menores só o fazem porque **subiram a escada tecnológica**: competem com base em inovação e alta produtividade, especialmente em setores intensivos em tecnologia.

Evolução do Coef. de penetração de importações no Brasil



Maiores países exportadores para o Brasil e jornada de trabalho

Países	Taxa de crescimento 2016-2025 (%)	Média de horas semanais trabalhadas (h/sem 2025)
Índia	14,41	45,7
China	13,14	44,6
Arábia Saudita	11,34	40,7
Vietnã	9,66	41,7
França	7,70	30,8
Itália	7,42	33,9
Estados Unidos	7,36	36,3
México	6,49	41,1
Argentina	4,00	34,9
Brasil	-	39,1

Fonte: ILO, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços e Economia
Nota: O dado referente ao Brasil corresponde à informação oficial, com base nas estimativas da PNAD Contínua 2024

Quem perde indústria, perde futuro

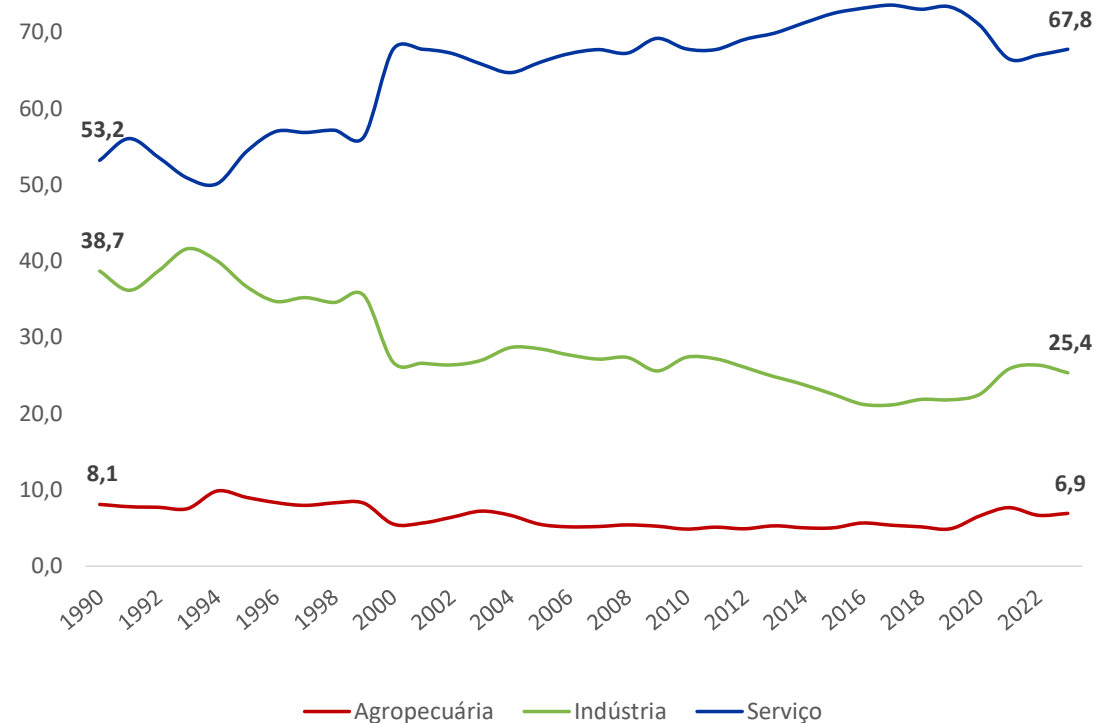
É na indústria que se concentram as economias de escala, os retornos crescentes e a capacidade de inovar.

Ela é a base da sofisticação produtiva, onde se aprende, se acumula capacidade tecnológica e se sobe a escada do valor agregado.

Sem uma estrutura industrial diversificada e tecnologicamente densa, não há como sustentar inovação, ampliar exportações e crescer de forma consistente.

Os dados mostram, no entanto, que estamos nos afastando desse caminho num processo de desindustrialização que tende a ser agravado pela mudança da atual escala de trabalho.

Desindustrialização Brasileira: Composição Setorial do PIB Brasileiro de 1990 a 2023 (%)



Fonte: IBGE e Economia FIESC

Mas afinal, qual o impacto na
Economia de Santa Catarina?

Propostas em debate no Congresso Nacional

Proposta de Emenda à Constituição	Autor	Resumo	Situação da tramitação
Senado Federal			
PEC 148/2015	Senador Paulo Paim (PT/RS)	Redução da jornada para 40h + período de transição até 36h em 4 anos	Pronta para deliberação do plenário
PEC 4/2025	Senador Cleitinho Azevedo (Republicanos/MG)	Redução da jornada máxima para 40h	Aguardando despacho
Câmara dos Deputados			
PEC 221/2019	Deputado Reginaldo Lopes (PT/MG)	Redução da jornada para 40h	Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC)
PEC 8/2025	Deputada Erika Hilton (PSOL/SP)	Redução da jornada para 36h	Apensada à PEC 221/2019

Hipóteses e Cenários

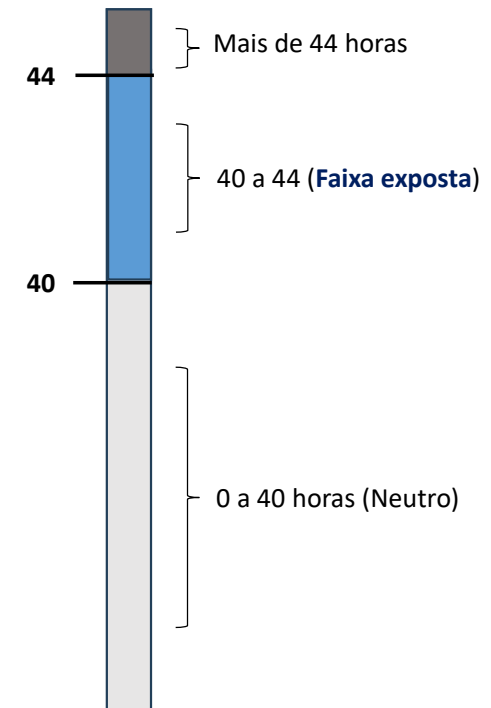
Objetivo:

Avaliar o impacto de uma redução da jornada semanal normal de trabalho de 44 horas para 40 horas, nos diferentes setores da Economia Catarinense.

Hipóteses

- i. A redução do teto semanal para 40 horas eleva o custo de produção setorial de forma heterogênea, sendo maior nos setores com maior participação do trabalho nos custos totais e com maior uso de jornadas acima de 40 horas.
- ii. No curto prazo, assume-se manutenção do nível de atividade sem ajuste via demissões nem redução dos salários nominais, de modo que as horas acima de 40 sejam mantidas por meio de remuneração extraordinária (hora extra) com adicional legal.

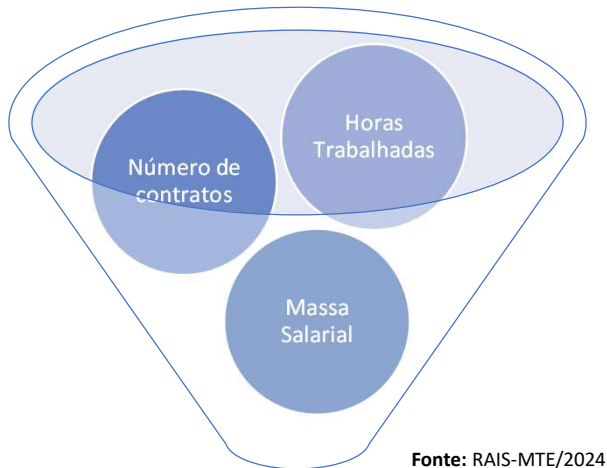
Faixas de horas de uma jornada de trabalho



Metodologia

Cenário Base:

A partir da RAIS-MTE/2024, estimou-se o volume de horas trabalhadas na faixa de 41 a 44 horas. No cenário 44→40, com salários mantidos, foi calculado o novo custo-hora e o custo de manter essas horas como extraordinárias (+50%). O aumento no custo do trabalho foi então utilizado como choque no Modelo de Equilíbrio Geral Computável.

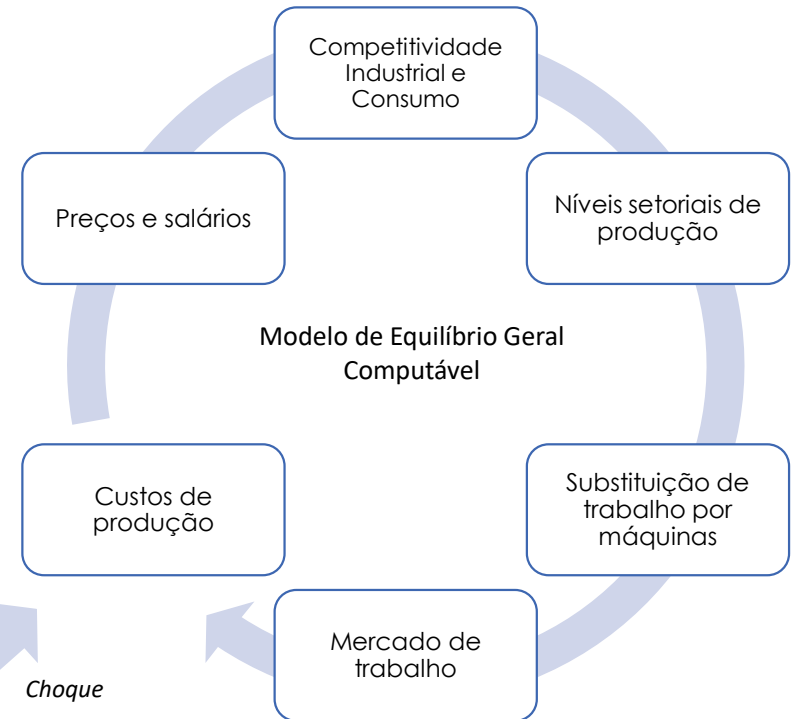


Faixa de Horas Expostas à mudança
(Trabalhadas entre 41 e 44 horas)

Calculo do **aumento do Custo Hora** do Trabalho

Calculo do Custo das Horas Extras feitas para **manter o nível de atividade**

Choque



Qual seria o Aumento dos Custos do Trabalho para manter o nível atual de produção?

Região	Grandes Setores	% de pessoas empregadas por faixas de Horas Contratadas		Horas médias Trabalhadas*	Aumento % Estimado no Custo do Trabalho (%)	Valor Total Estimado no Custo do Trabalho (R\$)
		Até 40	Maior que 40			
Brasil	Agropecuária	4,8%	95,2%	43,6	14,3%	0,63 Bi
	Industria	10,9%	89,1%	43,1	13,3%	5,34 Bi
	Comércio	7,6%	92,4%	43,2	13,9%	3,60 Bi
	Serviços	56,2%	43,8%	39,5	6,8%	8,96 Bi
	Total	36,4%	63,6%	41,0	9,7%	19,70 Bi
Santa Catarina	Agropecuária	4,8%	95,2%	43,2	14,4%	16 Mi
	Industria	7,1%	92,9%	43,2	13,9%	411 Mi
	Comércio	8,5%	91,5%	42,7	13,9%	201 Mi
	Serviços	47,1%	52,9%	39,6	8,3%	448 Mi
	Total	25,9%	74,1%	41,4	11,4%	1.129 Bi

A redução do teto semanal tende a pressionar mais os setores que dependem de jornadas mais longas para sustentar rotinas produtivas.

No Brasil, cerca de 64% dos vínculos estão acima de 40 horas semanais, enquanto em Santa Catarina, essa proporção é maior (74%).

Para que as empresas consigam cumprir seus contratos e manter os atuais níveis de produção, estima-se que a eventual redução da jornada para 40 horas semanais, sem redução salarial, implicaria aumento imediato de 9,7% nos custos do trabalho. O impacto total projetado é de R\$ 19,7 bilhões, dos quais aproximadamente R\$ 1,1 bilhão seria suportado por empresas catarinenses.

Nota: Horas médias calculadas dividindo o número total de horas trabalhadas pelo número de contratos declarados.

Qual Seria o Impacto no Aumento dos Preços Praticados Pela Economia Catarinense ?

O aumento de preços na economia de Santa Catarina foi estimado em **2,64%**. O comércio registraria as maiores elevações, já que o trabalho representa parcela elevada de seus custos totais.

Na indústria, os maiores aumentos de preços tendem a ocorrer em setores mais intensivos em emprego: **construção civil (4,26%), Produtos alimentícios (3,6%) e vestuário (3,57%)** são destaques.

Setores	Aumento previsto nos Preços
Agropecuária	3,75%
Industria	1,69%
Comércio	4,49%
Serviços	3,05%
Total	2,64%

Fonte: Economia/FIESC

15 setores com as maiores aumentos % dos preços na indústria Catarinense, em 2 anos

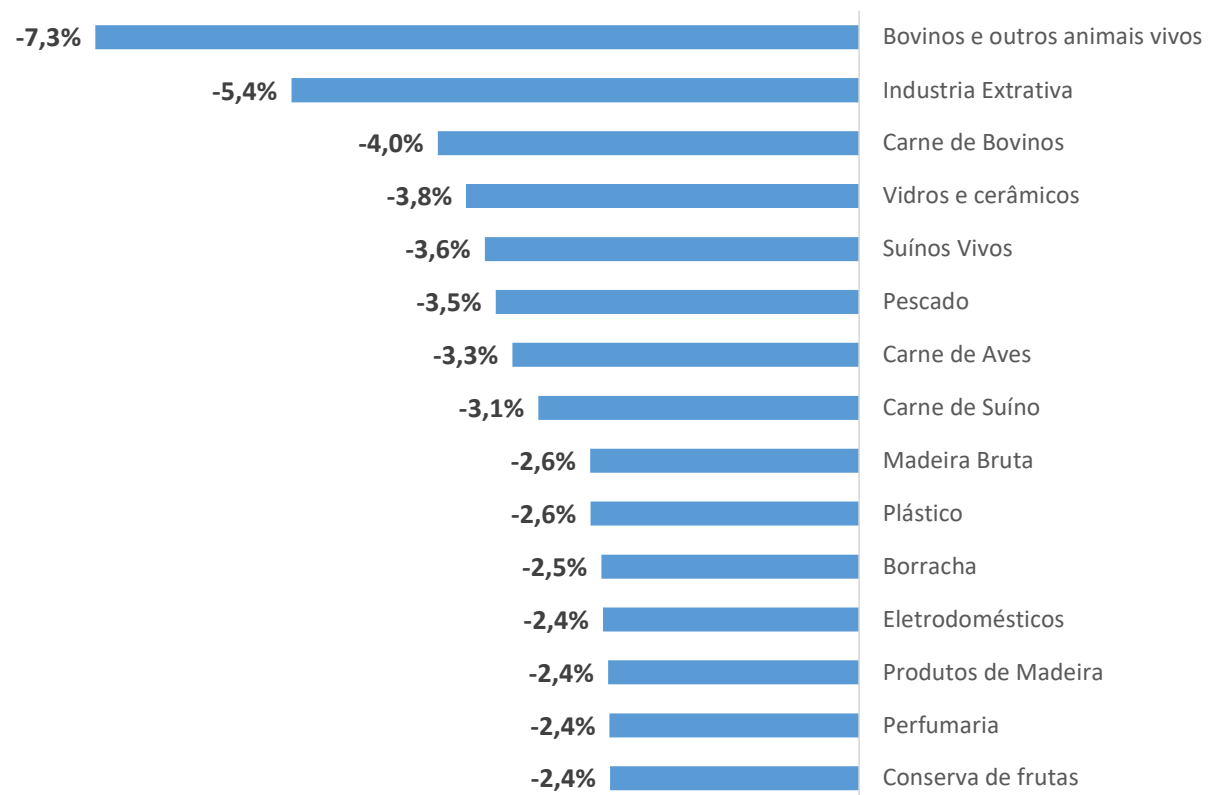
Setores	Participação do Custo do Trabalho no Custo total	Aumento previsto nos Preços
Construção	29,4%	4,26%
Alimentos diversos	26,2%	3,60%
Vestuário	25,3%	3,57%
Manutenção	21,9%	3,12%
Madeira	17,7%	2,57%
Metalurgia	17,1%	2,46%
Min. Não Metálicos	16,3%	2,26%
Têxteis	14,8%	2,01%
Móveis	13,5%	1,97%
Extração	16,5%	1,94%
Borracha e Plástico	13,7%	1,89%
Prod. Diversos	12,9%	1,82%
Outros Transportes	11,9%	1,74%
Máquinas Mecânicas	11,3%	1,63%
Serviços Industriais de Utilidade Pública	16,7%	1,46%

Qual seria a perda de Competitividade via Exportações ?

O aumento do custo do trabalho tende a elevar o custo de produção e pressionar preços e margens. Em mercados externos, onde a concorrência é internacional e o preço é mais rígido, esse choque costuma se traduzir em perda de competitividade.

Diversos produtos de exportação seriam significativamente afetados pelo aumento dos custos do trabalho, alguns deles altamente representativos na pauta de exportação catarinense. **Ex: Carnes de Aves e Suínos, Produtos de Madeira e Eletrodomésticos.**

15 produtos catarinenses com as maiores perdas % de Exportação, em 2 anos



O Aumento do Consumo compensaria a Queda na Competitividade?

Impacto no PIB de Santa Catarina pela Ótica da Demanda

Componente	Impacto no PIB	
	Em 2 anos	Em 5 anos
Consumo	1,68%	1,82%
Investimento	0,00%	0,36%
Gastos do governo	0,00%	-0,23%
Estoques	0,00%	-0,01%
Exportações	-1,07%	-0,98%
Importações	-1,20%	-1,27%
PIB	-0,60%	-0,31%

Pelas óticas da demanda e da oferta, as estimativas indicam que **o aumento do custo do trabalho**, ao reduzir a competitividade das empresas, **não é plenamente compensado, nem no curto nem no longo prazo, pelo maior consumo decorrente de salários mais elevados.**

No curto prazo (até dois anos), projeta-se queda de cerca de **0,6% do PIB**. No longo prazo, esse efeito tende a ser parcialmente atenuado pela substituição de trabalho por capital e pelo estímulo ao consumo, sobretudo no comércio e em alguns serviços.

Impacto no PIB de Santa Catarina pela Ótica da Oferta

Grandes Setores*	Impacto no PIB	
	Em 2 anos	Em 5 anos
Agropecuária	-2,12%	-2,69%
Indústria	-1,16%	-0,58%
Comércio	-0,17%	0,05%
Serviços	-0,62%	-0,31%
PIB	-0,60%	-0,31%

Ainda assim, o saldo final é de **perda de competitividade**: enfraquecimento das exportações e substituição de produtos nacionais por importados no mercado interno. O resultado é menor produção doméstica, com impactos mais intensos nos setores expostos à concorrência internacional e à competição por preço.

Qual o Impacto no PIB dos diferentes setores ?

Grandes Setores*	Impacto no PIB	
	Em 2 anos	Em 5 anos
Agropecuária	-2,12%	-2,69%
Indústria	-1,16%	-0,58%
Comércio	-0,17%	0,05%
Serviços	-0,62%	-0,31%
PIB	-0,60%	-0,31%

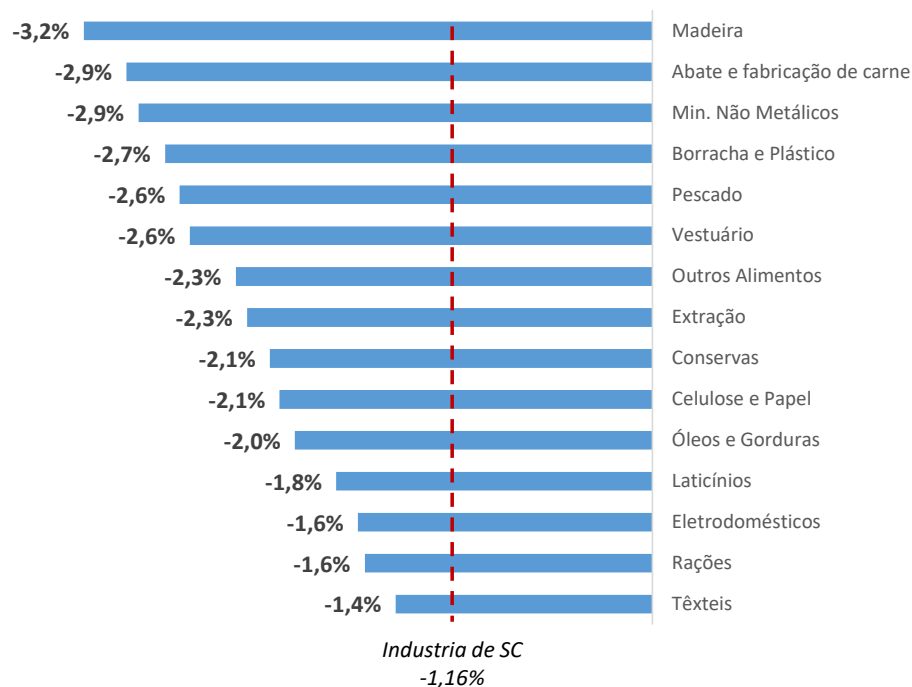
A forte queda do PIB Catarinense estaria concentrada em nos grandes setores que competem com o exterior: **Agropecuária e Indústria**. De fato, a relação umbilical entre os dois segmentos é determinante desse resultado.

Note-se, por exemplo, pelo gráfico ao lado, que o setor com o encademanento produtivo mais elevado do Estado: “Abate de Carnes” (Bittencourt, et. all. 2023) seria um dos mais afetados pela medida.

Nota: O Valor Adicionado foi usado como proxy do PIB dos Setores.

Além do setor de abate de carnes, outros intensivos em trabalho serão significativamente impactados. **Destaque para produtos de madeira (-3,2%), Cerâmicas (-2,9%), plásticos (-2,7%) e vestuário (-2,6%).**

15 setores com as maiores perdas % na indústria Catarinense, em 2 anos



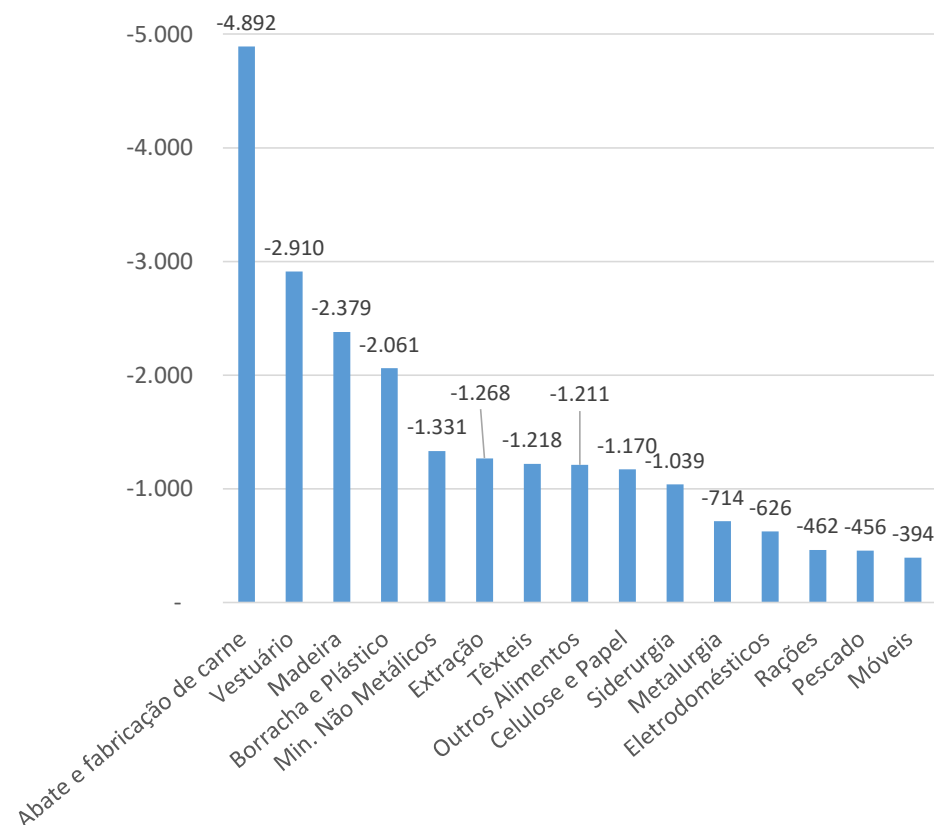
Qual o impacto no mercado de trabalho?

Grandes Setores	Perda de Emprego em 2 anos	
	%	Total
Agropecuária	-4,13%	-2,0 mil
Indústria	-1,99%	-19,1 mil
Comércio	-0,29%	-1,5 mil
Serviços	-1,00%	-13,4 mil
Total	-1,43%	-41,4 mil

A perda de competitividade e a redução do nível de atividade se traduzem em ajustes no mercado de trabalho. Setores mais intensivos em trabalho e com menor capacidade de absorver o aumento de custos reagem com uma redução de postos, sobretudo onde a produção é mais sensível a preço e a concorrência externa/interna.

Na indústria, as perdas absolutas se concentram em segmentos com elevada disputa de mercado, como alimentos, vestuário e madeira.

15 setores com as maiores perdas absolutas de emprego na indústria Catarinense, em 2 anos



Qual seria o Impacto nas diferentes regiões do Estado?

Impactos Regionais				
Região	PIB		Emprego	
	Em 2 anos	Em 5 anos	Em 2 anos	Em 5 anos
Oeste	-1,39%	-1,33%	-2,25%	-2,98%
Norte	-0,79%	-0,51%	-1,44%	-2,56%
Serrana	-0,87%	-0,93%	-1,39%	-2,46%
Vale do Itajaí	-0,65%	-0,30%	-1,18%	-2,13%
Grande Florianópolis	-0,28%	0,38%	-0,68%	-1,34%
Sul	-0,77%	-0,52%	-1,32%	-2,20%
Santa Catarina (total)	-0,60%	-0,31%	-1,43%	-2,24%

Os impactos regionais tendem a ser elevados em PIB e emprego nas regiões Oeste e Serrana, especializadas na industrialização e exportação de carnes e produtos de madeira.

No entanto, pode-se ver que as quedas de PIB e emprego ocorreriam em todas as regiões. A única exceção seria uma recuperação do PIB na grande Florianópolis, na qual parte do território é marcada pela atividade de turismo de lazer e serviços específicos, setores os quais seriam menos prejudicados pela alteração da jornada de trabalho.

Mensagem Final

Reduzir jornada antes de elevar produtividade é inverter a lógica do desenvolvimento.

Em um país que já enfrenta desindustrialização, redução da jornada tende a acelerar a perda de competitividade, ampliar importações e enfraquecer os setores que mais geram inovação e ganhos crescentes de escala.

A história econômica é clara: primeiro cresce a produtividade, depois se reduz a jornada.

Quem enfraquece a indústria compromete o futuro.

Nossa simulação é clara: **Os aumentos dos custos de produção não seriam compensados pelo aumento do consumo derivado do aumento dos salários.** Há perda real de PIB em Santa Catarina, com importantes reflexos ao corrente e pernicioso processo de desindustrialização.

Síntese das Estimativas:

- **Perda de 1,16% no PIB da indústria catarinense em 2 anos.**
- **Perda de 41 mil empregos, em 2 anos.**
- **Queda do PIB maior em setores exportadores e de elevado emprego: madeira (3,2%), Abate de Carnes (2,9%), Cerâmica (2,9%), Plásticos (2,7%)**
- **Queda das Exportações de 1,07%, com impacto elevado em setores como: Carnes de Aves 3,3%, de suínos 3,1% e madeira 2,6%.**
- **Queda do PIB de 0,6% em Santa Catarina, em 2 anos, sendo no Oeste de 1,39%, na Serra de 0,87%, no Norte 0,79%, no Sul 0,77%, no Vale do Itajaí 0,65% e na Grande Florianópolis (0,28%).**

Referências

Almeida, F., & Amoedo, N. (2021). *Exploring the association between R&D expenditure and the job quality in the European Union*. Working paper, arXiv:2101.03214.

Bittencourt, P. F. et al. (2023). *A Industria Catarinense Entre seu Passado Agro e o Futuro TEC: a integração local, nacional e global a partir da MIP 2018*. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, v. 17, n. 1, p. 90-112.

Hanushek, E. A., & Woessmann, L. (2012). *The Role of Cognitive Skills in Economic Development: Evidence from Educational Outcomes*. Journal of Economic Literature, 50(3), p. 607–668.

Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2021). *OECD Employment Outlook 2021: Navigating the COVID-19 Crisis and Recovery*. OECD Publishing, Paris.

Pateo, F. V., Melo, J. S. de, & Círiaco, J. Da S. (2026). *Mudanças na jornada e na escala de trabalho: elementos empíricos para o debate*. Nota Técnica (Disoc), n. 123. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Brasília.



Rodovia Admar Gonzaga, 2765 | Itacorubi
88034-001 | Florianópolis - SC

fiesc.com.br

faleconosco@fiesc.com.br

0800 048 1212

